

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA

FORMAÇÃO DO EDUCADOR MUSICAL EM ONGS: ESTUDO DE CASO  
NO ESPAÇO CULTURAL DA GROTA

IGOR SIQUEIA DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO, 2016

Formação do educador musical em ONGs: com estudo de caso no Espaço  
Cultural da Grota

por

Igor Siqueira de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música sob a orientação da Dr. Magali Kleber e co-orientado pela Prof.<sup>a</sup> Adriana Miana de Faria.

Rio de Janeiro, 2016

A quem dedico minha carreira de educador:

Tina Pereira (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

À minha família, José Antonio, Regina Célia e Monique, que aprendeu junto comigo o que é ser um profissional da educação musical.

Aos professores que fizeram parte dos meus cinco anos de iniciação musical no extinto Núcleo de Artes Charles Dickens, onde também pude experimentar também as artes cênicas e as artes plásticas, representado aqui pela querida Vera Lúcia Bardi, diretora dos anos que estive com o grupo.

Aos professores e amigos que me acolheram no Projeto Villa-Lobinhos, também extinto, onde pude dar continuidade à minha formação musical durante um período de transformações e que se fez fundamental para minha vida musical, sem representante, pois seria injusto eleger apenas um.

Aos Flautistas da Pro Arte (atual Orquestra de Sopros da Pro Arte), que fortaleceu as relações de aprendizagem musical e me fez enxergar outros mundos através da música.

Ao Espaço Cultura da Grotta pelo incentivo dado à minha formação, representado pelo inseparável casal Márcio Selles e Lenora Selles.

Aos professores que me acompanharam durante a graduação, entre muitos, representados aqui pelos que me confiaram como bolsista; Roberto Gnattali, Eduardo Lakschevitz, Lea Tiriba e Adriana Miana, figura de grande apoio para este trabalho.

A Magali Kleber pela bela tese sobre ONGs, referência para falar desse tema, e as orientações dadas a este trabalho.

A Rodrigo Belchior, que foi a linha que costurou todos os projetos e escolas que pude e posso fazer parte até hoje, sendo ele meu professor, coordenador, diretor, companheiro de trabalho e um amigo que me acompanha desde o Núcleo de Artes.

A Luís Felipe Ribeiro Siqueira, meu filho que tanto amo e que, mesmo distante, sabe que poderá sempre contar comigo.

*Música não são notas, mas, sim, relações.*

Hans-Joachim Koellreutter

OLIVEIRA, Igor Siqueira de. *Formação do educador musical em ONGs: estudo de caso no Espaço Cultural da Grotta*. 2016. Monografia (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Essa monografia realizou um estudo sobre o processo formativo do educador musical dentro de ONGs, expondo o processo de ensino/aprendizagem existente no Espaço Cultural da Grotta (ECG) através dos relatos de jovens envolvidos na metodologia do projeto. O trabalho de campo aconteceu mediante observação não participante e entrevistas. A fundamentação teórica está baseada em concepções que tratam do ensino formal, não formal e informal a fim de balizar a análise sobre o “Sistema Reciclarte”, que estabelece a formação do educador no ECG. Esta análise nos mostra a coerência no sistema proposto pelo ECG de seu início até o momento desta pesquisa. Os relatos dos atores sociais envolvidos revelaram os aspectos extramusicais que influenciaram suas escolhas por atuar com educação musical.

Palavras chaves: ONGs e educação musical, Espaço Cultural da Grotta, Orquestra de Cordas da Grotta, Educação musical e Formação musical.

## Sumário

<b>1.</b>	Introdução .....	08
1.1.	Revisão da bibliografia .....	10
<b>2.</b>	Fundamentação teórico-metodológica .....	12
2.1.	Metodologia .....	15
2.2.	Sobre os entrevistados e as categorias emergentes .....	16
<b>3.</b>	O contexto institucional: o Espaço Cultural da Grotta .....	17
3.1.	A construção do espaço .....	17
3.2.	Sistema Reciclarte .....	22
<b>4.</b>	Análise das entrevistas .....	24
4.1.	Primeiro contato e inserção no ECG .....	24
4.2.	Relações interpessoais como motivação .....	25
4.3.	O reconhecimento familiar como estímulo ao aprendizado .....	26
4.4.	Transformação pessoal e novas perspectivas .....	27
4.5.	Multiplicadores: iniciando no campo da educação .....	28
<b>5.</b>	Considerações finais .....	30
<b>6.</b>	Referências bibliográficas .....	33
<b>7.</b>	Anexos .....	35

## 1. Introdução

Esta monografia teve como eixo motivador minha vivência como ex-aluno/monitor e, atualmente, imbuído da função de educador musical de projetos sociais. O fato de ter estruturado minha formação musical inicial em várias ONGs (Núcleo de Artes Charles Dickens – RJ; Projeto Villa-Lobinhos – RJ), a partir do ano de 1997 na cidade do Rio de Janeiro, tanto como instrumentista e, tempo depois, como educador, antes mesmo do ingresso no curso de Licenciatura em Música (2011), proporcionou-me um amplo contato com o universo musical em seus múltiplos contextos nas dimensões sociocultural, pedagógica, institucional. Minha inserção no campo da educação musical se deu após ter recebido uma bolsa de estudos com período de três anos no Projeto Villa-Lobinhos (2001 a 2003), ONG de grande projeção na cidade do Rio. Segundo Kleber (2014, p. 69) esse projeto “foi iniciado em 2000, como uma das ações ligadas à ONG Viva Rio. [...] uma associação civil, sem fins lucrativos, filantrópica, de caráter assistencial, social e cultural”. Ainda segundo a autora, “O projeto [Villa-Lobinhos] oferecia uma formação musical por meio de aulas sistêmicas, com uma proposta modulável, com vistas à profissionalização desses jovens músicos” (KLEBER, 2014, p. 69), nos múltiplos campos de atuação do profissional de música.

A seleção para inclusão de novos participantes neste projeto ocorria em um encontro de férias “durante o mês de janeiro, no Museu Villa-Lobos<sup>1</sup>, [...] com mais de uma centena de jovens adolescentes, provenientes de vários projetos sociais da região metropolitana do Rio de Janeiro, que incorporavam prática musical em suas atividades” (idem). Foi a partir destes encontros, promovidos pelo Projeto Villa-Lobinhos, que tomei conhecimento da Orquestra de Cordas da Grota<sup>2</sup>, situada na comunidade da Grota do Surucucu em Niterói – RJ, e me tornei integrante no ano de 2001.

Atuar no Espaço da Grota possibilitou-me ampliar minha ação como flautista, pois não se oferecia, na época, aulas de flauta transversa, o que me levou a participar também como monitor deste instrumento dentro do projeto. Ao demonstrar interesse em aprofundar-me como educador, tive a oportunidade de participar do programa de “formação técnica em música”<sup>3</sup>, cujo objetivo é capacitar os aprendizes em uma formação teórica-musical e a possibilidade ser monitor em outras comunidades onde se encontra a proposta educacional oferecida pelo espaço da Grota. Após um tempo neste

---

<sup>1</sup> O Museu Villa-Lobos está situado à Rua Sorocaba nº 200, Botafogo – RJ.

<sup>2</sup> Neste momento não havia o Espaço Cultural da Grota, como veremos a diante.

<sup>3</sup> Informativo de distribuição interna, vide anexo 1.

programa de formação, o qual participei de 2007 até 2009, senti a necessidade de ampliar o contato com outros contextos e acabei me afastando das atividades da Grotta, a partir do ano de 2009, para atuar como educador musical e instrumentista em outros espaços (Projeto Aprendiz música na escola – Niterói; Instituto Antonio Carlos Jobim – Rio de Janeiro; Projeto Tim música na escola – Rio de Janeiro; Escola de música da Rocinha – Rio de Janeiro).

No ano de 2014, através do projeto de extensão universitária desenvolvido pela professora Adriana Miana de Faria, o “Percepção”<sup>4</sup>, pude retornar como voluntário ao espaço da Grotta. Através do projeto de extensão, que oferece atividades de percepção musical para jovens oriundos de projetos sociais, retomei algumas questões referentes ao ensino de música e a formação do educador musical em projetos sociais. Foi também com o “Percepção” que reconectei-me com esse projeto social que foi fundamental para minha formação musical.

Dessa forma, duas questões foram fundamentais para eu ter escolhido o desenvolvimento desta pesquisa no Espaço Cultural da Grotta (ECG):

1 – a consistência do programa desenvolvido pelo espaço intitulado de “Multiplicando Talentos” que, segundo consta em *folder* de distribuição interna, tem por objetivo levar a “experiência da Orquestra de Cordas da Grotta a outras comunidades da cidade [de Niterói] e de outros municípios, através de núcleos de replicagem”<sup>5</sup>, programa este que pude fazer parte enquanto aluno/monitor;

2 – o fato de nenhum dos alunos atendidos pelo Projeto “Percepção”, na época do meu retorno, serem comuns ao período que atuei no ECG e estes estarem ingressando no mesmo processo de ensino/aprendizagem pelo qual passei.

Estes pontos me levaram a levantar as seguintes questões: como é desenvolvida a formação dos alunos, na atualidade? Como e Quais são as expectativas destes jovens músicos/educadores? Como eles entendem a própria formação no ECG?

Durante o curso de Licenciatura em Música pude ampliar o embasamento teórico a respeito da produção de conhecimento em ONGs. O tema é corrente em artigos, teses e dissertações dessas últimas décadas (ANTÔNIO, 2007; ARANTES, 2009; KLEBER, 2003, 2006, 2007, 2011, 2014; SANTOS, 2007; SOUZA, 2004), citando a proposta de educação musical como maneira de inclusão social e formação do cidadão. Outros pontos abordados nessa temática são o de flexibilidade de estruturação

---

<sup>4</sup> Vide anexo 02.

<sup>5</sup> Vide anexo 03.

do projeto pedagógico adotado pelas ONGs e a postura e aspectos do perfil do profissional que atua, em projetos sociais, indicando para a concepção do ensino não formal.

Os estudos citados também revelam uma preocupação com a formação do indivíduo, na perspectiva da subjetividade e, também, levando em conta o contexto sociocultural desse sujeito. Nesta perspectiva, Santos (2007, p. 3) reforça dizendo que

[...] esses projetos sociais, muitas vezes ligados a ONGs e outras instituições do terceiro setor, focam um ensino de música contextualizado com o universo sociocultural, tanto dos alunos quanto dos múltiplos espaços em que acontecem, podendo “proporcionar resultados educativos de grande valor, não só no que concerne à formação musical, mas também no que se refere a outras dimensões da formação humana”.

Desta forma, corroboro a perspectiva de Kleber sobre a prática de orquestra dentro do ECG que se mostra “como elemento condutor dos processos de ensino e aprendizagem e foi [como ainda é] entendida como fruto de práticas sociais motivadas pelas ONGs e pelo contexto sociocultural dos participantes” (KLEBER, 2014, p. 262).

Portanto, o meu foco de análise para realizar essa pesquisa se concentra nas atividades relacionadas à Orquestra do ECG, considerando que essa prática musical concentra e dissemina os vários aspectos que me levaram a escolher essa ONG e ao estudo mais aprofundado das questões que já mencionei anteriormente.

### 1.1. Revisão da bibliografia

Pensar que a prática musical em ONGs nesse trabalho traz como premissa o entendimento de que se trata de uma prática social, com potencialidade para valorizar os grupos sociais e proporcionar trocas de valores simbólicos, é reconhecer que existe, nesse processo, a possibilidade de ampliar o capital cultural de cada indivíduo participante do grupo. Além disso, pode ainda, contribuir para a noção de um pertencimento e um almejo de construir um sentido nas identidades coletiva e individual. Esta questão é apontada por Kleber (2014, p. 257):

O significado do indivíduo pertencer a um grupo social [...], o qual realizava um trabalho musical, que aprendia música, que tinha visibilidade e era reconhecido por sua capacidade de fazer, dar e receber coisas, imprimia ao coletivo uma identidade e um fazer significativo diferencial na forma de indivíduos se reconhecerem enquanto cidadão.

Neste contexto, o papel do educador é de extrema importância na construção dessa identidade. A partir desse olhar, Santos (2004, p. 60) destaca que “atuar em projetos sociais requer do educador musical uma concepção filosófica, postura política, coragem para agir motivado pela possibilidade de transformação da pessoa e da sociedade”. Esta afirmativa nos faz “considerar [que] uma educação musical formadora nos remete a um processo educativo, não genericamente ‘dinâmico’ mas, essencialmente, desmobilizante” (KATER, 2004, p. 45), abrindo a percepção do aluno não apenas para as questões musicais, mas também para aspectos humanos, entendendo esta dinâmica essencial para o desenvolvimento pessoal proposto por projetos sociais.

A literatura que trata do campo de atuação em ONGs traz à tona e problematiza a preocupação na qual “a formação do educador musical ainda não inclui conhecimentos ou mesmo disciplinas que deem fundamentação e competências necessárias para tal” (OLIVEIRA, 2003, p. 95), visando um mercado de trabalho para os recém-formados em cursos de graduação em música. Ainda pela ótica de um campo de trabalho a ser explorado, Oliveira (2003, p. 97) aponta a “dificuldade de pensar o planejamento das ações educativas [dentro das ONGs] de acordo com a missão das instituições contratantes” durante a formação dos licenciados em música.

Nevada (*apud* KLEBER, 2006, p. 94) indica a flexibilidade de currículo como forma de encantamento aos alunos dos projetos sociais, entendendo o educador musical que atua nessas instituições e com uma formação consistente como, também, um possível pesquisador das condições sociais que permeiam as ONGs, propiciando “subsídios consistentes para propostas educativas musicais considerando os sujeitos e seus contextos” (KLEBER, 2006, p. 94). Segundo a autora, são muitas as possibilidades devido à diversidade de contexto, podendo agregar muitas propostas inovadoras tanto pedagógicas como socioeducativas. E dessa forma o modo de ensino musical nestes espaços não busca, prioritariamente “desconsiderar o conhecimento e as formas musicais tradicionais [como vistas nos cursos de graduação], mas, pelo contrário, trata-se de considerar a mobilização musical, o fazer e o refazer das tradições, na dinâmica dos movimentos sociais” (*idem*).

#### No âmbito das ONGs

Normalmente o educador musical possibilita ao aluno um contato com suas próprias potencialidades e limites do ponto de vista musical, dando subsídio e orientando sua exploração e superação. Isso, que poderia desapercivelmente passar nomeado como “em primeira instância”, envolve já um componente diretamente ligado ao ser.

Porque explorar potenciais e habilidades, superar situações e limites, vai em geral muito além de uma relação técnica com a música, envolvendo matéria e código, por exemplo, (KATER, 2004, p. 45).

Assim, acredita-se em uma pedagogia musical nestes espaços que seja capaz de dar voz aos participantes das ONGs. Dentro desta perspectiva podemos dizer que

as práticas sociais alternativas geram formas de conhecimento alternativo e não reconhecer estas formas de conhecimento implica deslegitimar as práticas sociais que as sustentam, e neste sentido promover a exclusão social dos que a promovem (SANTOS *apud* KLEBER, 2006, p. 92).

Estes conhecimentos estão amalgamados nas práticas musicais dos projetos sociais e na sociedade como um todo. O direcionamento para o mercado de trabalho como educador musical se dá de forma natural dentro do ECG pelo convívio no grupo, onde inconscientemente os participantes do espaço se ensinam para as performances do conjunto. Por este motivo, é relevante dizer que as ONGs legitimam este conhecimento ao optarem por preencher seus “quadros de educadores sociais [com] pessoas que receberam uma formação no âmbito dos próprios projetos” (KLEBER, 2014, p. 2642), dando uma nova perspectiva profissional para seus participantes.

## **2. Fundamentação teórico-metodológica**

Para pensar o processo de ensino/aprendizagem dentro do ECG optei por me debruçar sobre os escritos de Gohn (2010) que versam sobre educação formal, não formal, informal, e o papel do educador social.

A autora explica os três tipos de educação:

Em princípio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube etc.). A informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinação de origem, raça/etnia, religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimento nativas do indivíduo. Contrariamente, a educação não formal não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidade no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado (GOHN, 2010, p. 16).

Destacando os três tipos de educação, entendemos que pelo fato de as ONGs desenvolverem suas atividades educacionais de modo flexível no que diz respeito aos conteúdos trabalhados, podemos dizer que o ECG tem sua proposta muito caracterizada pelos fundamentos do ensino não formal. Do mesmo modo, podemos incorporar o processo informal nas atividades da Grotta, já que o processo de ensino informal se faz presente tanto no ensino formal quanto no não formal. Pelo processo informal de educação, entendem-se as relações sociais atuando para que as informações sejam assimiladas de forma espontânea, concretizando o aprendizado, enquanto na educação não formal, “há a figura do educador social, mas o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos” (GOHN, 2010, p. 16-17).

Neste contexto, o educador social é o mediador entre as descobertas que os indivíduos fazem na proposta ofertada pelos espaços inseridos que, no caso do ECG, é a música, e, ao mesmo tempo, “o outro” com quem se relaciona durante as vivências dentro do espaço. Em síntese, Gohn (2010, p. 33) define o conceito de educação não formal como sendo

um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais.

Entendendo as ONGs como espaços que praticam a educação não formal e informal, Gohn (2010, p. 36) afirma que as instituições que desenvolvem o ensino de música são os de grandes lugares destes tipos de educação, alegando que a música possui características particulares que integram os indivíduos, e por isso, atrai “a atenção de todas as faixas etárias”. Concordando que o ensino de música atrai um grande público para as ONGs, há de se considerar que:

o fato de ser utilizada universalmente não faz da prática musical uma “linguagem universal”, tendo em vista que cada cultura tem formas particulares de elaborar, transmitir e compreender a sua própria música, (des)organizando, idiossincraticamente, os aspectos que a constituem (QUEIROZ, 2004, p. 101).

Brito (2015, p. 50), expondo as ideias de Koellreutter <sup>6</sup>, aponta que “a música é, em primeiro lugar, uma contribuição para o alargamento da consciência e a modificação do homem e da sociedade”, tendo que haver uma compreensão da prática para legitimar a transformação. Dentro deste tipo de educação musical, não formal e, ao mesmo tempo, informal que se encontra o educador social, o “outro” que orienta as descobertas no processo de ensino/aprendizagem, entendendo que “o professor não ensina nada; ele sempre conscientiza” (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2015, p. 95). Olhando por este modo, o pensamento koellreutteriano nos leva a “um sistema educacional em que não se ‘educa’, no sentido tradicional, mas, sim, em que se conscientiza e ‘orienta’ os alunos através do diálogo e do debate” (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2015, p. 97).

Nesta perspectiva devemos considerar que

a “educação para a música” integrou-se à “educação pela música”: educação como jogo em que as qualidades da música influenciam as qualidades humanas (e vice-versa), sem pretender formar músicos, mas sim, seres humanos preparados para viver o “novo mundo” (BRITO, 2015, p. 99).

Não desconsiderando os conteúdos inerentes à música, as ONGs que oferecem este ensino não formal e informal, também estão em conformidade com o pensamento de Koellreutter no que diz respeito ao papel transformador da música. Assim como defende Gohn (2010), Brito (2015) aponta que na proposta koellreutteriana, o papel do educador também é de mediar às vivências dentro das atividades de ensino/aprendizagem, a fim de “facilitar situações para que a aprendizagem seja autodirigida, com ênfase na criatividade e na capacidade de refletir” (BRITO, 2015, p. 101).

Percebemos assim que o processo de ensino/aprendizagem não pode ser analisado separadamente de um todo que o compõe. Por este sentido, Kleber (2006) define o conceito “Processo pedagógico-musical como um fato social total”, onde se pensa o todo dentro das ONGs como forma de aquisição de conhecimento. A autora constrói este conceito com base nas teorias de Shepherd e Wicke (Música como prática social; 1997); Mauss (Fato social total; 1950, 2003); Eyerman e Jamison (Práxis cognitivas / Produção de conhecimento; 1998).

---

<sup>6</sup> Hans-Joachim Koellreuter, educador musical e músico alemão que chega ao Brasil em 1937, após enfrentar problemas políticos por seu envolvimento em atividade antifascistas na Alemanha. Desenvolve no Brasil uma “ação metódica e sistemática de educação musical”, tornando-se um dos mais importantes educadores musicais.

Neste conceito, Kleber (2006) destaca os contextos socioculturais, histórico, institucional e de ensino e aprendizagem musical, ligados diretamente com interesses, processos e contextos da produção de conhecimento. Estruturado com base nos autores citados, o conceito “Processo pedagógico-musical como um fato social total” (KLEBER, 2006) propõe um olhar e interpretação do trabalho desenvolvido pelas ONGs sob quatro contextos:

- 1) Institucional – das dimensões burocráticas, jurídicas, disciplinar, morfológica;
- 2) Histórico – dimensão das histórias contadas pelos participantes da pesquisa, protagonistas da construção da ONG enquanto espaço físico, material e simbólico;
- 3) Sociocultural – dimensão dos valores simbólicos, dos encontros, das relações intersubjetivas e interinstitucionais, dos conflitos, das negociações;
- 4) Contexto de ensino e aprendizagem musical – focalizando como, onde, por que, para que se aprendia e se ensinava música ali (KLEBER, 2014, p. 260).

Portanto, só podemos refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem musical dentro do ECG a partir de sua totalidade estruturante, tendo em vista o educador social como mediador dos saberes dentro dos ensinamentos não formais e informais. Ainda neste sentido, é entendido o direcionamento das atividades musicais dentro do ECG como forma de socialização dos participantes através dos ensaios da orquestra, das aulas coletivas e em momentos livres dentro do espaço.

## 2.1. Metodologia

A abordagem metodológica qualitativa foi adotada para essa pesquisa, com foco no estudo de caso, visto que “o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como uma escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais” (VENTURA, 2007, p. 384). A partir desta perspectiva metodológica é possível realizar uma coleta de dados que reflita a vivência dos participantes do ECG, expondo as características destacadas pelos envolvidos no projeto, possibilitando, assim, uma análise mais aprofundada tanto do contexto sociocultural do projeto como das histórias de vida que emergem dos depoimentos. Segundo Ribeiro (2008, p. 137), o estudo de caso é visto como um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”, o que ocorreu (e ocorre) durante minha participação como voluntário,

no ano de 2014, e bolsista, no ano de 2015, do projeto “Percepção” e como ex-aluno/monitor do ECG.

Expor a experiência formativa vivida a partir do projeto da Grota significa, também, levantar uma trajetória pessoal como educador musical formada no âmbito de projetos sociais. Neste contexto, fez-se necessário elaborar entrevistas com alguns participantes da proposta de “Multiplicando Talentos”, selecionando alunos e ex-alunos que estão atuando no campo da educação dentro e fora do ECG. Foram selecionados quatro alunos, sendo dois do período em que estive inserido como aluno/monitor do ECG e dois que conheci ao retornar para o projeto como bolsista/voluntário do projeto “Percepção”.

A entrevista teve caráter semiestrutural, feita com três alunos e um ex-aluno do ECG, com seis questões idênticas para cada, a fim de desencadear um diálogo dos aspectos, a saber: a) como foi o interesse em participar do ECG; b) o que aprendeu, algo além da música, como foi, o que mudou? c) foi como esperava? d) como acha que pode trabalhar música em diferentes espaços? e) como começou a ensinar música? f) atua em outros espaços? Estas questões abriram para outras indagações a respeito da formação, não apenas musical, mas também de caráter humano. Todas as entrevistas foram gravadas por um aplicativo de *smartphone* para que pudessem ser ouvidas, transcritas e categorizadas, buscando uma melhor compreensão dos relatos.

## 2.2. Sobre os entrevistados e as categorias emergentes

A primeira entrevista foi feita com Alexandra Seabra, 26 anos, aluna do ECG ainda no período inicial do projeto. Alexandra atualmente é formada em educação artística com habilitação em música pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) e pós-graduada em produção e gestão cultural. De seu relato emerge a primeira categoria: a formação do espaço, seu ensino informal e os valores simbólicos contidos nas atividades do ECG.

Izabella Cardozo, 19 anos, relatou sobre as aulas de musicalização dentro do Espaço e o início através da flauta doce. Izabella foi aluna do ECG dentro do programa de “Multiplicando Talentos”. Atualmente, Izabella cursa Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Sua fala nos aponta a segunda categoria: o encantamento involuntário das relações interpessoais.

Também aluno da UNIRIO, Thiago Monteiro, 25 anos, iniciou no ECG através dos polos de replicação da metodologia oferecida pela Grota em outras comunidades. Por sua entrevista e de Marivani Cordeiro, 32 anos, participante da primeira formação da Orquestra de Cordas da Grota, que também atuou como educadora musical no ECG ainda no início do programa “Multiplicando Talentos” podemos expor mais duas categorias de análise: as relações hierárquicas dentro e fora do ECG, e; a formação musical como alargamento de perspectivas de vida e afirmação de identidade.

Tais categorias serão tratadas adiante, buscando a comparação das falas dos entrevistados para uma melhor compreensão do ensino oferecido pelo ECG no que diz respeito não apenas ao ensino não formal de música, mas, também, para uma educação mais ampla nas relações de convívio interpessoais.

Além das entrevistas, as observações em campo também contribuíram para uma análise mais concisa sobre o processo formativo dentro do EGC. Ter passado por este processo como aluno/monitor e, atualmente, como colaborador do ECG contribuiu para uma melhor aproximação ao campo de pesquisa, fazendo referências com fatos citados pelos entrevistados com fatos vividos por mim em momento outrora. Foi indispensável recorrer a vídeos disponibilizados em canais da *Internet* com relatos sobre a construção do espaço, além de vídeos do acervo do ECG cedidos por Lenora Mendes para esta pesquisa, buscando uma contextualização histórica para os fatos citados e observados.

### **3. O contexto institucional: O Espaço Cultural da Grota**

#### **3.1. A construção do espaço**

O Espaço Cultural da Grota<sup>7</sup> foi se constituindo mediante a preocupação de Dona Otávia Selles com a situação de vulnerabilidade social em que se encontravam (e ainda se encontram) as crianças e jovens da comunidade da Grota do Surucucu – situada no bairro de São Francisco, zona sul de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Segundo Oliveira (2011, p. 12), Dona Otávia tomou conhecimento da comunidade da Grota ao se mudar para o bairro de São Francisco no ano de 1974, dando início a um trabalho voluntário “na Escola Estadual Duque de Caxias [...], fazendo acompanhamento escolar e horta comunitária com alunos da escola”. Com pouco tempo de atividade, a escola

---

<sup>7</sup> Situado à Rua Vereador Otto Bastos, nº 23 – Grota do Surucucu, São Francisco / Niterói – RJ.

não dava mais apoio ao trabalho de Dona Otávia<sup>8</sup>, que passou a oferecer as aulas em um terreno abandonado, onde construiu com seu próprio dinheiro uma casinha no fundo do quintal.

Em 1983, esta pequena casinha passa a oferecer, além das atividades de horta e reforço escolar, aulas de corte e costura e artesanato, integrando também as famílias das crianças e jovens. Mesmo com o envolvimento familiar, os trabalhos manuais só mantinham os meninos dentro do espaço enquanto crianças, os quais saíam quando atingiam a fase da adolescência. Ao sair do espaço, muitos acabavam se envolvendo com o tráfico de drogas dentro da própria comunidade, frustrando a proposta de Dona Otávia. Para evitar a evasão dos meninos, foi necessário pensar algo que fosse mais atrativo para mantê-los dentro do projeto e, assim, afasta-los da situação de risco com o envolvimento no tráfico. Dona Otávia propôs então ao seu filho Márcio Paes Selles que oferecesse aulas de música. Márcio<sup>9</sup> não se interessou pela proposta de imediato, acreditando que o trabalho oferecido por sua mãe tinha cunho assistencialista. Ele relata<sup>10</sup> que às vezes “fazia um tipo uma atividade de música [...] mas era uma coisa assim, pontual, e eu acho que foi muito legal assim”, mas não havia uma regularidade. O ensino de música em aulas fixas só passou a ser possível, quando Lenora Mendes<sup>11</sup> incentivou Márcio, seu marido, a iniciar as aulas de música no espaço. O casal de músicos passa assim a atuar, no ano de 1994, ensinando flauta doce inicialmente para quatro crianças. Márcio acreditava que a atividade musical no espaço “não iria dar certo pelo fato dos meninos serem muito rebeldes, mas com o tempo eles foram se acostumando com a ideia de tocarem flauta e a aprenderem um pouco de música” (SALLES *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 9).

Nesta época, existia dentro da comunidade da Grota uma pequena oficina de construção e manutenção de instrumentos de cordas friccionadas, do *luthier* Jonas Caldas. Kleber (2014, p. 96) relata que “Jonas construiu sua carreira fabricando contrabaixos, violas, violoncelos e violinos, embora não tocasse nenhum dos

---

<sup>8</sup> Entrevista com Lenora Mendes para o “Grupo Mônaco – Cultura e Saúde” da Unitevê UFF, exibido em 28/04/2015, disponível no site *Youtube*.

<sup>9</sup> Educador Social, Mestre em Música Antiga pelo Sarah Lawrence College (New York – USA) e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>10</sup> Em entrevista concedida à Brazil Foundation, em 2 de julho de 2011, pela comemoração de 10 anos da instituição, parte do acervo do ECG. A Brazil Foundation é uma das apoiadoras do ECG e tem como proposta “mobilizar recursos para ideias e ações que transformam o Brasil”. Maiores informações: [brazilfoundation.org](http://brazilfoundation.org).

<sup>11</sup> Educadora Social, Mestre em Música Medieval e Renascentista pelo Sarah Lawrence College (New York – USA) e Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

instrumentos”. Foi através desse trabalho que Jonas conheceu Márcio e Lenora, quando o casal de músicos precisou encomendar um de seus instrumentos<sup>12</sup>. Jonas criou seus três filhos em meios aos instrumentos fabricados por ele. Wagner e Walther, gêmeos, e Felipe “começaram a estudar música com uma professora boliviana que dava as aulas e em troca tinha os instrumentos consertados por Jonas” (KLEBER, 2014, p. 96) e pouco depois passou a integrar o pequeno grupo montado por Márcio. Walther relata (*apud* KLEBER, 2014, p. 97) que, tanto ele quanto os irmãos, começaram a tocar “meio que obrigado”, porque, segundo Wagner<sup>13</sup>, o

pai então teve a ideia de botar os dois para fazer aula de violino, porque ele fabrica o instrumento, mas ele não toca [...] nenhum dos instrumentos, [...] então ele decidiu botar eu e Walter para aprender o violino, para poder então experimentar os instrumentos dele, afinar, ver se o som estava bom e tal [...] nós fomos os primeiros aqui na Grotta (Entrevista concedida por Wagner de Oliveira Caldas à Brazil Foundation em 02/08/2011).

Kleber (2014, p. 97) destaca que “o interesse real [dos gêmeos pelo instrumento] surgiu depois que eles já conseguiam tocar um ‘som lega’ e, conseqüentemente, os colegas, a comunidade e familiares começaram a elogiá-los e valorizarem a música que eles faziam”.

A ampliação do projeto para o ensino de violino se deu, segundo Kleber (2014, p. 109), por solicitação dos próprios alunos, após a entrada de Wagner e Walther no espaço idealizado por Dona Otávia, pois vendo os gêmeos, também quiseram aprender o instrumento. Aos poucos os alunos mais antigos iam substituindo as aulas de flauta, dando lugar a novos integrantes para as aulas de sopro e passando a se dedicar ao estudo de violino. Com o grupo de cordas crescendo, Jonas se torna cada vez mais parceiro do projeto e passou a dar apoio na manutenção dos instrumentos que foram sendo inseridos no espaço, a partir do ano de 1995, através de doações. No ano de 1998, Dona Otávia faleceu vítima de um infarto e o espaço passou a ser cuidado por seus filhos e sua nora (OLIVEIRA, 2011, p. 12), passando aos poucos o foco, antes nos trabalhos manuais, para as aulas de música.

O pequeno grupo de violinos era acompanhado por Márcio fazendo as melodias de baixo com a viola da gamba, instrumento do período renascentista. Desta

---

<sup>12</sup> Entrevista cedida por Jonas Caldas ao canal “Mapa Cultural RJ”, do *youtube*, publicado em 24/05/2014.

<sup>13</sup> Entrevista em comemoração aos 10 anos da instituição, parte do acervo do ECG. Vide nota 12.

maneira, as crianças e jovens inseridos no ECG tinham acesso a um tipo de repertório e instrumentos desconhecidos para aquele contexto social, o que ampliava o repertório cultural dos participantes do projeto. Com este grupo se iniciava, a partir do ano de 1999, a Orquestra de Cordas da Grotta.

As primeiras apresentações desta pequena orquestra, segundo Márcio, eram feitas em chás beneficentes e o cachê era sempre um lanchinho. O envolvimento de Márcio e Lenora, com a vontade de continuar a proposta de Dona Otávia, que era levar novas possibilidades para os jovens da comunidade da Grotta, fez com que a orquestra tivesse visibilidade não só na comunidade, mas também, dentro e fora do Estado do Rio de Janeiro. Esta visibilidade gerou um convite vindo do Governo Português para que a orquestra fizesse uma turnê pelo norte deste país. Esta viagem teve diversos significados, pois, além de ter afirmado o ECG como um lugar de ensino bastante conciso, era a primeira vez que aquelas famílias saíam da comunidade e entravam em uma realidade bastante contrastante.

Esta viagem impulsionou a Orquestra de Cordas da Grotta (OCG), sendo noticiada em diversas mídias como jornais, revistas e televisão, atraindo novos apoiadores para o espaço, “precisando para isso construir em 2000, uma organização social sem fins lucrativos: [a] REICLARTE”<sup>14</sup>. Através desta organização social, o ECG pode pleitear edital de incentivo a cultura e ampliar o trabalho prestado à comunidade.

Alexandra Seabra (em entrevista concedida ao autor em 24/10/2015) conta que quando entrou para as aulas do ECG, no ano de 2000, não havia violinos suficientes para todos os alunos. Como as aulas eram em turnos diferentes, os alunos da manhã faziam as aulas e deixavam os instrumentos no armário para os alunos do turno da tarde. Alexandra relatou com entusiasmo que “Wagner estava dando aula de teoria e chovia muito, que Márcio [chegou] com aquele fusquinha cheio de violinos no meio da chuva, foi muito legal”. Eram quinze violinos adquiridos através de um edital de fomento a cultura, no ano de 2001. Dois anos depois, com outro edital, foram adquiridos outros cinquenta violinos.

Nestes primeiros anos de atividades musicais no espaço construído por Dona Otávia se consolidou a Orquestra de Cordas da Grotta. As aulas de flauta doce se mantinham como forma de iniciação musical e as aulas de cordas friccionadas passaram

---

<sup>14</sup> Folder de distribuição interna, vide anexo 04.

a ser o foco do projeto. Aos poucos foram sendo introduzidos os violoncelos, as violas e os contrabaixos e a OCG se afirmando e tomando destaque no cenário musical de Niterói.

Wagner Caldas relata que na época, a OCG era o

único grupo de violino aqui em Niterói [...]. Não tinha ninguém que tocava violino aqui, os que tinham eram músicos profissionais, mas que você só via na orquestra sinfônica [...]. Aberto para uma classe que não ia para esse tipo de concerto só tinha a gente, então a gente estava em tudo quanto era coisinha [...]. Teve esse dia que nós fomos fazer uma apresentação e alguém perguntou: “Qual é o nome do grupo?” Ih! Grupo! Aí o Márcio falou: “Orquestra de Cordas da Grota”, e aí nós fomos a orquestra “A”, e começou a crescer o grupo (Em entrevista concedida à Brazil Foundation em 02/08/2011).

A procura pelas aulas de música no ECG vinha não só dos jovens da comunidade, mas também de bairros ao entorno, que descobriam as atividades através de divulgações de concertos em matérias de jornais. Foi assim que Marivani Cordeiro passou a fazer parte do projeto. Ela conta:

Sempre tive interesse em fazer aula de violino, só que meus pais não tinham condições de pagar uma aula de violino. Então eu fui para uma banda sinfônica na igreja, e aí eu falei pra ele [o maestro] que eu queria tocar violino. E aí ele falou pra mim assim: olha a gente não tem violino aqui na banda mas eu vou te dar um instrumento que é equivalente ao violino aqui na banda que é a clarineta. Aí comecei a estudar clarineta na banda da igreja. Comecei a estudar música lá e com o tempo eu tive a oportunidade de ver uma reportagem do projeto da Grota no jornal. E aí o projeto estava começando na Escola Nossa, os ensaios eram na Escola Nossa, uma escola aqui em Niterói, aí eu fui lá. Fui lá e me apresentei para o Márcio e falei que queria fazer aula de violino. Eu sabia que as aulas eram de graça. Ele falou, marcou comigo e eu comecei a estudar violino aqui (Entrevista concedida por Marivani Cordeiro ao autor em 19/03/2016).

O ingresso de Marivani ao ECG ocorreu no ano de 2001, ainda na primeira formação da orquestra. Os ensaios aconteciam fora do espaço, segundo Marivani, por ser ainda muito simples a pequena casa do ECG. Ela relata que entrou para o ECG direto nas aulas de violino, ao contrário do grupo que já tocava no projeto e que, já participando das atividades do espaço, sentiu interesse em aprender a flauta doce para participar também do grupo de sopro.

O interesse apresentado por Marivani em querer aprender a flauta doce, pelo encantamento ao repertório deste instrumento, por estar inserida naquele contexto, é apontado por Kleber (2014, p. 127), como “exemplo de que os alunos têm estímulos gerados na rede das relações sociais para se tornar multi-instrumentistas, aprendendo

com ou sem professor”. Por essa forma, a partir do momento de inserção no grupo de cordas, os alunos são motivados a irem aprimorando seus conhecimentos musicais pela interação com o grupo, perpassando o momento dedicado aos ensaios, mas também, estendendo o processo de ensino/aprendizagem em todos os momentos de convívio dentro do espaço. Queiroz (2005, p. 59) aponta que “para a educação musical considerar a performance como um processo é fundamental, pois no caminho de construção de uma prática se estabelecem momentos e vivências que dão formas a situações específicas de aprendizagem”, sejam estas não apenas musical.

E foi através da orquestra que o ECG desdobrou as atividades que permitiu (e ainda permite) a profissionalização dos jovens inseridos no projeto.

### 3.2. Sistema Reciclarte

Márcio Selles destaca<sup>15</sup> (Em entrevista concedida ao Jornal Enseada em outubro de 2009) que a “missão [do ECG] é mobilizar talentos, desenvolver habilidades e ampliar o universo de referências culturais em crianças e jovens das comunidades” e, pensando esta ampliação como possibilidade de novas perspectivas para os participantes do projeto, expõe que a “ideia é ensinar música e profissionalizar esses jovens [envolvidos nas atividades das orquestras], permitindo realizações pessoais e o exercício pleno da cidadania”. Para tal, foi desenvolvido um sistema<sup>16</sup> de ensino/aprendizagem onde os alunos interessados na prática da orquestra pudessem ampliar seu conhecimento técnico no instrumento e, posteriormente, iniciar sua carreira como educador no ECG.

Este sistema inicia com o “Mobilizando Talentos”, onde os alunos iniciantes têm aulas de musicalização através do contato inicial com flauta doce, em contra turno escolar. Em um segundo momento, o aluno opta por um instrumento da orquestra, aperfeiçoando os estudos, que podem ser dirigidos ao violino, viola, violoncelo ou flauta transversa. Com estes instrumentos os alunos passam a integrar a OCG, iniciando na orquestra “C”. Os alunos mais avançados, que mostram um interesse maior em aprofundar na carreira musical, após o ingresso na orquestra “A”, passam a receber uma formação técnica e atuar como monitor no programa “Multiplicando Talentos”, replicando a metodologia do ECG dentro e fora da comunidade da Grota, nos polos do projeto.

Thiago Monteiro explica o processo pelo qual se tornou professor do ECG:

---

<sup>15</sup> Vide anexos 05 e 06.

<sup>16</sup> Vide anexo 07.

Pelo projeto, a gente tem um ano de flauta [doce]. Nosso primeiro contato com a música é a musicalização pela flauta, aí, depois de um ano de flauta, a gente começa a tocar violino. Aí, do violino, também depois de um ano ou dois, a gente começa a fazer prática de orquestra, que é a orquestra “C”, a primeira que a gente entra, e vai progredindo conforme a nossa capacidade. Aí vai pra orquestra “B”, orquestra “A”... Na orquestra “B” a gente começa a fazer aula de teoria com a Lenora, e quando a gente está na orquestra “A”, a gente vai para o conservatório. A gente ia naquela época, agora acabou, esse ano. A gente ia pro conservatório ali de Icaraí [Niterói – RJ]. [...] Pra fazer mais dois anos de curso técnico lá. Aí que somando dá quatro anos de formação teórica pelo projeto da Grotta, dois anos aqui e dois anos no conservatório (Entrevista concedida por Thiago Monteiro ao autor em 19/03/2016).

A aula de flauta doce “se divide em ciclos de aprendizagem. A duração destes ciclos vai depender do desenvolvimento dos diversos grupos de alunos estando assim sujeito às peculiaridades individuais” (SILVA; MENDES, 2012, p. 04)<sup>17</sup>, assim como acontecem nas aulas dos demais instrumentos do projeto. Por esta afirmativa se constata a flexibilidade do conteúdo adotado, variando conforme o desenvolvimento de cada aluno e/ou turma. A faixa etária também limita o progresso dos alunos na proposta do “Multiplicando Talentos”. Izabella Cardozo (Em entrevista concedida ao autor 12/02/2016) explica que “começava a fazer a flauta, depois o violino. Aí fazia a teoria, depois da teoria, se tivesse idade ia para o conservatório. [...] aí depois se tiver idade ia pra monitoria, o estágio, aí depois do estágio você começa a dar aula”. Entende-se, por esta classificação que, para atuar como monitor, o aluno precisa estar não apenas com a formação dos conteúdos musicais, mas também com um amadurecimento pessoal para educar.

Este aspecto era pensado pelo ECG, que oferecia encontros semanais com psicólogas como parte da proposta do “Multiplicando Talentos”. Alexandra Seabra conta que

fez aquela aula com a Yara [psicóloga do programa] no consultório dela [...] era muito legal. Ela falava sobre nosso conhecimento, a gente se conhecer. Depois esse projeto, essa oficina dela virou o “educar-se para educar”, que foi a partir do monitoramento, da gente monitorar e dar aula fora e tal (Entrevista concedida por Alexandra Seabra ao autor em 24/10/2015).

---

<sup>17</sup> Método de Flauta doce criado por Anderson Pereira da Silva, ex-aluno do ECG, formado pelo Conservatório Brasileiro de Música, e Lenora Pinto Mendes para ser aplicado nos polos de replicagem da metodologia do ECG, vide anexo 8.

A preocupação do ECG em oferecer atividades de autoconhecimento mostra o interesse na formação não apenas musical, mas, também, na formação humana.

#### **4. Análise das entrevistas**

A análise das entrevistas consistiu em levantar aspectos recorrentes que pudessem se configurar em categorias significativas para o trabalho. Para o pesquisador configurou-se como momentos de intensa reflexão contribuindo para o aprofundamento da compreensão do objeto de estudo. A partir desse processo descararam-se as categorias:

##### **4.1. Primeiro contato e inserção no ECG**

O que destaca nas falas dos entrevistados são as apresentações da Orquestra “A” como forma de despertar interesse nos jovens para quem estes concertos são direcionados. Thiago Monteiro (Em entrevista concedida ao autor em 19/03/2016) conta que conheceu o trabalho do ECG em um destes concertos na igreja que frequentava, no município de Itaboraí - RJ, após uma missa. A apresentação era feita para divulgar as aulas que seriam oferecidas pelo projeto da Grota.

Quando eu assisti, fiquei muito impressionado, porque era uma orquestra na minha frente, coisa que eu nunca tinha visto. Aí na mesma hora eu falei: vou fazer essa aula, não quero nem saber de nada. Aí eu comecei a fazer aula [...], de 14 para 15 anos.

Desta forma Thiago iniciou seu contato com o projeto, em um ambiente comum à sua rede de sociabilidade. O ingresso de Izabella no ECG se deu para que não ficasse sozinha em casa enquanto sua mãe ia trabalhar. Ela conta que “ficava em casa fazendo nada, aí ela [sua mãe] me botou pra fazer flauta”, o instrumento era de seu tio, ex-aluno do ECG. Ele não estava estudando mais no ECG e deixou de utilizar a flauta, por isso Izabella se apropriou do instrumento. A exemplo dela, a Alexandra também iniciou os estudos de música para ocupar o tempo ocioso enquanto sua mãe trabalhava.

Teve uma apresentação da Orquestra na escola e minha mãe estava lá. Ela falou: vou botar vocês nesse projeto, [...] minha mãe sempre trabalhou fora e a gente ficava sozinha em casa. [...] E aí eu comecei sem interesse, mas claro que aí depois você vai se acostumando, vai começando a gostar, e aí vai criando o interesse mesmo né. (Entrevista concedida por Alexandra Seabra ao autor em 24/10/2015).

A apresentação havia sido na escola que Alexandra e sua irmã estudavam, durante uma colônia de férias. Ela lembra que “nessa apresentação estavam Wagner e Walter, Katunga, Marivani [...], todo mundo sentado no pátio da escola e eles tocando”. O

ambiente escolar e familiar, aparecem como marco, para Izabella e Alexandra, no ingresso ao projeto da Grota, diferente de Thiago, que se insere no ECG de forma espontânea.

#### 4.2. Relações interpessoais como motivação

As relações interpessoais estão presentes desde o ingresso do aluno ao ECG, e se mostra como elemento motivador de permanência e estímulos. Alexandra, que iniciou no projeto sem muita vontade, conta que despertou maior interesse a partir do momento que começou a tocar com o grupo.

Na época foi só para ocupar o tempo, depois fui gostando. [...] daí a gente começou a tocar aqui também [...]. A primeira apresentação foi no Centrinho<sup>18</sup>, com o Negros e Vozes<sup>19</sup>, foi a primeira apresentação também do Negros e Vozes. Aí eu falei: nossa! Isso é muito legal, vamos zoar tudo dentro do ônibus (Entrevista concedida por Alexandra Seabra ao autor em 24/10/2015; notas minhas).

Alexandra completa dizendo que seu interesse nas atividades oferecidas pelo ECG “era muito mais pelo convívio, era muito divertido, sempre foi, até hoje é bem divertido”. Mesmo sendo moradora da comunidade da Grota, Alexandra conta que só passou a ter contato com os participantes do projeto quando ingressou para as aulas do espaço. Ela diz: “quando entrei para o projeto e comecei a conhecer essa realidade dessa galera, falei: é aqui que eu vou me encontrar”. A fala de Alexandra nos expõe um pertencimento em identificação ao grupo, quando ela diz “aqui que eu vou me encontrar”, como se antes de seu contato com o ECG ela não pertencesse à comunidade.

Diferente de Alexandra, Izabella já tinha contato com alguns alunos que faziam aula de flauta doce com ela no espaço, por serem da mesma escola que estudava, o que tornava o ECG comum ao seu ciclo de amizades. Ela conta sobre a turma de flauta doce:

[...] muita gente que fazia comigo começou a sair e eu fiquei meio assim, porque o pessoal foi saindo. [...] todo mundo falava do violino, mas eu não podia fazer porque não tinha violino sobrando. Depois que eu ganhei o violino e comecei a fazer aula, reencontrei muita gente, [...] depois eu comecei a fazer aula junto também. [...] depois que eu entrei pra orquestra tudo mudou, que fiquei mais envolvida com o

---

<sup>18</sup> Unidade de educação básica do Centro Educacional de Niterói; informações em [www.centrinho.g12.br](http://www.centrinho.g12.br).

<sup>19</sup> Grupo vocal criado por alunos do EGC.

projeto [...] (Entrevista concedida por Izabella Cardoso ao autor em 12/02/2016).

A fala de Izabella nos mostra o interesse motivado por estar em contato com “gente da escola”, o que gerava um ambiente já identificado pelas relações anteriores ao projeto. O reencontro com os amigos, que saíam das aulas de flauta para dedicar-se ao violino, também aponta a importância das relações interpessoais do fazer junto como forma de motivação. Até mesmo o preparo para as apresentações, quando mais de um grupo se encontravam para os ensaios, era motivo para estimular a aprendizagem.

Ainda mais que tinha um grupo que sabia tocar tal música, aí não, vamos tocar tal música também, a gente quer tocar tal música. Ainda mais quando juntavam as turmas. Juntava as turmas era uma coisa que eu mais gostava, porque sempre tinha gente que não conhecia e tinha música diferente [...]. A turma de Lenora todo mundo queria, porque tinha percussão. A turma de Lenora sempre tocava um instrumento diferente, aí todo mundo queria (Entrevista concedida por Izabella Cardoso ao autor em 12/02/2016).

Assim como Izabella, Alexandra conta que sentia a necessidade de “estudar para chegar ao nível de fulano de tal, [mas que] não era uma questão de competição, mas de referência. [...] não foi uma questão de competir com ninguém, mas de se igualar” (Em entrevista concedida ao autor em 24/10/2015). Por estas falas, podemos dizer que as relações interpessoais são os principais motivadores da prática musical e, conseqüentemente, das transformações pessoais, vendo a orquestra como principal incentivadora da rede de sociabilização dentro o projeto.

Marivani, diferente dos outros entrevistados, não pertencia a nenhuma comunidade onde havia a proposta do ECG e expõe:

A convivência pra mim foi difícil porque a orquestra era só de meninos, e quando eu entrei, e eram só eles da Grota, eu não era da Grota, eu não morava aqui. Então pra mim isso foi difícil, mas a vontade de estudar música superava essas dificuldades. E depois foram vencidas e eles se tornaram meus amigos para sempre, até hoje a gente tem uma boa relação (Entrevista concedida por Marivani Cordeiro ao autor em 19/03/2016).

Percebe-se por sua fala que a dificuldade de interagir com os participantes da OCG, por ser a única menina e não pertencer ao ciclo de amizade existente por serem todos do mesmo bairro, dificultava a inserção naquele grupo, apontando mais uma vez a importância das relações interpessoais como motivação para o aprendizado, que foi superado por sua vontade de estudar música.

#### 4.3. O reconhecimento familiar como estímulo ao aprendizado

O reconhecimento da importância da prática musical pelos familiares, através das apresentações da orquestra, é citado como motivação para o estudo. Izabella conta que “depois que você faz a apresentação, aí minha mãe está lá assistindo, aí que legal! Aí você fica mais envolvido, quer estudar mais” (em entrevista concedida ao autor 12/02/2016). Para Alexandra, o apoio da família foi além do simples incentivo ao estudo musical. Ela lembra:

Foi minha primeira apresentação com a Orquestra “A”, eu não tinha roupa, todas as roupas que eu estava aquele dia eram emprestadas. A minha mãe chorava, era um orgulho que eu tinha dado pra minha mãe de estar tocando fora, com a orquestra principal do projeto. Então, quando eu cheguei em casa, ela: e aí como é que foi? Foi uma expectativa assim, sabe. E antes disso a gente já tinha viajado, tinha ido para Brasília para fazer o CD<sup>20</sup>. Mas aquele concerto para ela me viu toda de preto, sapato social. O sapato foi um momento assim: Alexandra, como é que a gente vai arrumar um sapato agora, em cima da hora? Eu falei: mãe, eu vou ver se alguém me empresta. Uma vizinha tinha um sapato e me emprestou. Então assim, esse projeto foi muito importante para mim (Entrevista concedida por Alexandra Seabra ao autor em 24/10/2015, nota minha).

Por esta fala, podemos dizer que a prática musical é entendida pela família como algo importante no processo de transformação pessoal, gerando uma ascensão de status social, o que era motivo de orgulho. Do mesmo modo, a aluna se via motivada por estar sendo reconhecida como musicista pela família, assumindo postura e ocupando lugares até então não imaginados devido seu contexto sociocultural.

#### 4.4. Transformação pessoal e novas perspectivas

Elevar-se ao nível técnico para progredir nas orquestras, chegando a Orquestra “A”, abria novas possibilidades de apresentações e aulas. Uma dessas atividades direcionadas aos alunos mais experientes eram as oficinas do “educar-se para educar”, parte do programa “Multiplicando Talentos”, onde os alunos vivenciavam questões do cotidiano, fazendo refletir sobre situações de preconceito sofrido pelos jovens. Alexandra (em entrevista concedida ao autor em 24/10/2015) descreve uma dessas atividades:

Eu lembro de uma atividade que ela [Yara] fez, que assim, até hoje a gente conversa muito sobre esse assunto que é a questão do

---

<sup>20</sup> Vide anexos 09 e 10.

preconceito [...], fez como se fosse uma encenação. A gente no shopping, Marivani era a vendedora do shopping e os meninos, que a maioria são negros, entravam todos no estilo deles, todos largadões, e ela não atendia. E aí um dia eles voltaram nessa loja e compraram tudo porque eles tinham dinheiro para pagar, e mesmo assim ela ficou com um pé atrás. Isso era uma coisa que acontecia muito na época, na realidade deles.

A partir de dinâmicas como esta descrita por Alexandra, os participantes do ECG afirmavam suas transformações pessoais, abrindo novas perspectivas de vida através da música. O fato dos jovens voltarem à “loja” e comprarem “tudo porque eles tinham dinheiro” representava, no contexto sociocultural que viviam, uma ascensão econômica promovida pelo trabalho musical sem o abandono da identidade pessoal – o estilo “largadão” dos meninos era o do *hip-hop* norte americano.

Thiago aponta (em entrevista concedida ao autor em 19/03/2016) a carreira musical como descoberta de opção de vida oferecida pelo ECG, que é uma perspectiva além das que as pessoas de sua comunidade têm. Ele conta:

muita gente que estudava comigo nem chegou a terminar a escola. Quem terminou, terminou o ensino médio e já está trabalhando. Não que seja uma coisa ruim, mas as pessoas ao meu redor não tem uma perspectiva de ter uma vida além disso. [...] eu descobri aqui é que minha vida podia ser bem mais do que isso.

Thiago afirma já gostar de música antes de conhecer o projeto, mas, por sua condição socioeconômica, “não sabia que podia ter essa opção de vida”. Foi pelo ECG que ele pode exercer o que tinha como gosto, o fazer musical. Marivani aponta a mudança de pensamento que as atividades musicais, vista como inclusão, possibilitam aos que estão envolvidos direta ou indiretamente na proposta do projeto. Refletindo sobre sua trajetória, Thiago diz que “às vezes a gente sonha mas não tem perspectiva de conseguir chegar a esse sonho”, afirmando ter conseguido atingir o que sonhava. Segundo Marivani, a música “possibilita isso, uma inclusão, que todos podem, todos são capazes” apontando que a música “nos enriquece como seres humanos, como pessoas”, o que promove as transformações pessoais em busca de novas perspectivas de vida.

#### 4.5. Multiplicadores: iniciando no campo da educação

Uma das possibilidades de atuação no campo musical se dá através da multiplicação dos saberes adquiridos no ECG, como parte do “Sistema Reciclarte”, na

inserção dos alunos como monitores do projeto, dentro e fora da Grotta. Quando questionada sobre o que havia aprendido dentro do espaço, Marivane afirma: “[...] aprendi a dar aula aqui dentro. Aprendi a gostar de dar aula [...]” (Entrevista concedida ao autor em 19/03/2016).

Quando os alunos iniciam as atividades como monitores, eles acabam reproduzindo o modo como aprenderam. Assim foi a primeira aula de Thiago: “eu aprendi daquele jeito, então vou fazer a mesma coisa. Foi nesse processo direto, de leitura e prática” (Entrevista concedida ao autor em 19/03/2016). As aulas no ECG sempre foram de prática e teoria simultaneamente, o que deixava mais animadas as atividades. A primeira aula de flauta do Thiago “foi assim: essa aqui é a flauta, aqui você faz o dó, no quadro a gente tem a partitura... e aí a gente foi juntando uma coisa com a outra. A gente foi sempre lendo e tocando ao mesmo tempo, desde o primeiro dia de aula”.

Esta reprodução não aparece apenas na fala de Thiago. Alexandra conta que em uma ocasião precisou dar aula no lugar de Lenora, e como não tinha formação acadêmica, acabou ensinando do jeito que aprendeu. Mesmo sem nunca ter trabalhado com turmas, ela conta que “foi gostando dessa ideia de dar aula, [...] de se tornar professor do lugar que se formou” (Entrevista concedida ao autor em 24/10/2015). Marivani também começou a atuar como educadora dentro do ECG. Ela “via a Lenora e o Márcio dando aula e achava aquilo muito bonito” e diz que quando percebeu “já estava dando aula”.

Conforme eu ia tocando em casa, as pessoas ouviam também, e elas perguntavam: o que você está tocando? Que instrumento é esse? E aí essa vontade começou a surgir, olha, acho que foi quase espontâneo, foi natural pra mim. [...] Aí eu falava: você quer aprender? Ah, vamos aprender, vamos tocar, pra poder tocar junto também (Entrevista concedida por Marivani Cordeiro ao autor em 19/03/2016).

Se tornar educador de forma espontânea por admirar o trabalho que Lenora e Márcio faziam (e ainda fazem) dentro do ECG não foi privilégio de Marivani. Izabella também relata que sua opção por se tornar educadora foi “de tanto ver o quanto é bonito o que a Lenora faz” (Em entrevista concedida ao autor em 12/02/2016).

Por estas falas podemos entender que o programa “Multiplicando Talentos”, que direciona os jovens do ECG para o campo de educação musical, surge por necessidade de o projeto inserir estes jovens, já educadores, no mercado de trabalho, fazendo emergir a necessidade de um aprofundamento teórico para esta atuação. Neste

sentido, Thiago aponta seu ingresso para a universidade como um marco na sua carreira de educador. Como já trabalhava ensinando música, ele conta que após tomar contato com as teorias de ensino/aprendizagem musical, no curso de licenciatura em música da UNIRIO, as suas aulas começaram a mudar.

Mesmo sentindo uma diferença muito grande entre o ensino oferecido pelo ECG e pela UNIRIO, Thiago (Em entrevista concedida ao autor em 19/03/2016) diz que o modo como aprendeu música

foi ótimo. Aí depois que a gente entra na faculdade e vai analisar alguns processos de ensino [...], o processo aqui é um pouco diferente que a universidade ensina, que a universidade defende. Mas [...] de ter passado por isso, eu vejo que não é dispensável também do jeito que eles fazem aqui, por que funcionou comigo, e isso fez diferença pra mim também na faculdade. Aqui a gente tem uma prática muito grande de leitura, já começa lendo e tocando [...] isso fez uma diferença muito boa pra mim na faculdade, por que muita gente que eu conhecia tinha dificuldades de leitura que eu não tinha. Eu acredito que foi por causa do meu processo de musicalização.

Do mesmo modo que Thiago aponta o ECG como algo importante em sua formação como educador, Alexandra destaca que o projeto “acaba criando uma experiência muito boa até para fazer isso fora daqui”, validando o aprendizado recebido no âmbito do ECG como algo importante na construção do educador musical.

## 5. Considerações finais

Considerar a vivência dentro do ECG através da prática de orquestra, apontando o direcionamento oferecido aos jovens no campo da educação musical pela proposta do “Multiplicando Talentos”, expondo as falas dos atores sociais envolvidos diretamente nesse processo de ensino/aprendizagem, é remontar minha trajetória de vida enquanto educador musical.

Fui inserido nas aulas de música do Núcleo de Artes Charles Dickens<sup>21</sup>, em Campo Grande – bairro da zona oeste do Rio de Janeiro – pois minha mãe queria que eu ocupasse meu tempo ocioso. Assim como foi narrado pelos participantes do ECG, estar incluído neste programa me fez ampliar o olhar para novos horizontes. Os passeios proporcionados pelo Núcleo enriqueciam as relações interpessoais e promovia o trânsito por diferentes espaços socioculturais. Foi em uma destas saídas que tive meu primeiro contato com a UNIRIO, ainda criança, durante uma visita à escola de artes cênicas desta

---

<sup>21</sup> Programa de ensino de artes da secretaria municipal de ensino do Município do Rio de Janeiro, que oferecia atividades no contra turno escolar.

universidade. Conhecer este ambiente me despertou interesse em estudar mais para tornar-me aluno desta instituição.

Estar circulando por diversos contextos sociais, assim como ocorre com os alunos do EGC, contribuía para ampliar minha perspectiva de vida. No ano de 2000, o Núcleo de Artes ganhou algumas bolsas de estudos para um curso de férias no Museu Villa-Lobos, que foram direcionadas aos alunos mais antigos. Neste encontro tive contato com outros jovens músicos e, no ano seguinte, fui contemplado com uma bolsa de estudos, com duração de três anos, no Projeto Villa-Lobinhos.

As aulas de flauta com Maria Paula Lenzi, no Núcleo de Artes, foram substituídas pelas aulas de Tina Pereira e Andreia Ernest Dias, no Villa-Lobinhos. Tina, que além de flautista era educadora e regente, me convidou para integrar o grupo Flautistas da Pro Arte<sup>22</sup> sob sua batuta. Da mesma forma que os alunos do EGC se mostraram encantados com o trabalho de Lenora e Márcio, foi o trabalho de Tina que me despertou interesse em atuar na área da educação musical. Minha primeira aula na função de educador foi no Projeto Dançando para não dançar<sup>23</sup>. Rodrigo Belchior, coordenador do Projeto Villa-Lobinhos na época, me colocou para dar aulas de musicalização em uma turma deste projeto de dança, no ano de 2001. Assim como Alexandra, comecei a dar aulas sem a formação acadêmica e da maneira que Thiago descreveu, ensinando como havia aprendido.

Uma vez inserido neste campo de atuação, o gosto por educar foi ficando mais evidente. Os incentivos dados pelos professores faziam emergir a necessidade de cursar uma graduação em música, também por estar cada vez mais imerso na carreira musical. O contato inicial com a UNIRIO, com a turma de artes cênicas do Núcleo de Artes, foi retomado através da música, em um curso de teoria e percepção musical (Teoria e Prática da Percepção Musical - TEPEM) oferecido por meio de parceria entre o Projeto Villa-Lobinho e o projeto de extensão dessa universidade.

As redes tecidas pelas ONGs proporcionam um ensino/aprendizado bastante significativo para seus participantes. Promover o intercâmbio destes espaços, através da inserção e troca entre os participantes de diversas ONGs, aflora novas perspectivas de vida e um olhar mais crítico para a realidade que vivenciam nos seus contextos de

---

<sup>22</sup> O grupo ensaiava na escola de música da Pro Arte, situada à Rua Alice, bairro das Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro. Com a profissionalização dos alunos mais antigos, o grupo se dividiu, ficando os Flautistas da Pro Arte e a Orquestra de Sopros da Pro Arte

<sup>23</sup> Projeto que oferece aulas de balé em comunidades do Rio de Janeiro, maiores informações em <http://dpnd.org/conheca-a-dpnd/o-projeto/>.

origem, fazendo refletir sobre como contribuir de forma mais eficiente na transformação dos novos participantes. Os relatos contidos neste trabalho nos levam a pensar sobre as transformações promovidas por ONGs que, através da educação musical, desencadeiam uma série de buscas individuais visando um trabalho coletivo.

Dos quatro entrevistados, Alexandra e Marivani foram escolhidas por serem do ECG no momento inicial da OCG e terem participado no mesmo instante em que estudei na Grotta. Apesar de Marivani ter direcionado seu estudos para a graduação em pedagogia, tanto ela quanto Alexandra aponta com entusiasmo as mudanças que o ECG proporcionou. Izabella e Thiago foram escolhidos por não serem comuns ao momento em que estive presente no espaço, a fim de, por comparação, verificar possíveis alterações na metodologia apresentada por esses dois grupos. Izabella, tendo sido aluna de Marivani, e Thiago, iniciado no polo de replicagem da metodologia da Grotta, foram fundamentais para ligar o passado com o presente, expondo coerência na metodologia do “Sistema Reciclarte”.

Foi participando deste sistema que acabei me distanciando do ECG no ano de 2009. Por indicação de Marcio Selles me tornei professor de flauta no Programa Aprendiz de música nas escolas, da Secretaria de Cultura em parceria com a Secretaria de Educação de Niterói – RJ, o que ocupava uma parte do tempo que dedicava às atividades do ECG. O tempo restante foi ocupado com o trabalho no Instituto Antonio Carlos Jobim<sup>24</sup> – Jardim Botânico, RJ – no momento que Paulo Jobim me convidou para retornar ao trabalho no acervo de seu pai, Tom Jobim, para a confecção do Cancioneiro Chico Buarque, livro dedicado à vida e obra deste compositor. Seria impossível ter contato com a família Jobim se não fossem os projetos que passei, pois foi Tina Pereira quem me indicou para trabalhar cuidando dos manuscritos de um dos principais músicos brasileiros.

No ano de 2010 tive o terceiro contato com a UNIRIO, mas desta vez como aluno universitário do curso de Bacharelado em Flauta, que no ano seguinte pude transferir para Licenciatura em Música, o curso que realmente desejava. Entre alguns projetos de pesquisa e extensão dentro da universidade, foi com o projeto “Percepção”, coordenado pela professora Adriana Miana, que retornei para o ECG.

---

<sup>24</sup> Maiores informações em [jobim.org](http://jobim.org).

Assim como os depoimentos de Izabella e Thiago afirmam a metodologia exposta no “Sistema Reciclarte”, podemos considerar válido o direcionamento dado pelas ONGs, não só no que diz respeito ao ensino/aprendizado musical, mas também na formação humana e no direcionamento, sendo intencional ou não, destes jovens para atuar no campo da educação musical que, pelas vivências nestes projetos, serão ricas em estímulos, motivações, perspectivas e olhares para a música e para a vida.

## 6. Referências bibliográficas

BRITO, Teca Alencar de. Hans-Joachim Koellreuter: ideias de mundo, de música, de educação. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2015.

GONH, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010. Coleções questões de nossa época; v. 1.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 43-51, mar. 2004.

KLEBER, Magali. Educação musical: novas e outras abordagens – novos ou outros protagonistas. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.14, p. 91-98, mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Projetos sociais e educação musical. in Jusamara Souza. (Org.). *Aprender a ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre, Sulinas, p. 213-235, 2009.

\_\_\_\_\_. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico-musical. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 19, p. 37-46, jul. dez, 2011.

\_\_\_\_\_. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

OLIVEIRA, Alda de. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 8, p. 93-99, mar. 2003.

OLIVEIRA, Alexandra Seabra Melo. *A arte musical como transformação social: Orquestra de Cordas da Grotta*. 2011. Monografia (Licenciatura em educação artística – habilitação em música). Cursos de graduação em música, Centro universitário, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 10, p. 99-107, 2004.

\_\_\_\_\_. A música como fenômeno sociocultural: perspectivas para uma educação musical abrangente. in Luis Ricardo Silva Queiroz; Vanildo Mousinho Marinho. (Org.). *Contexturas: o ensino das artes em diferentes espaços*. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba (EDUFPB), 2005, v. único, p. 49-65.

RIBEIRO, Elisa Antonia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência*, Araxá, n. 4, p. 129-148, 2008.

SANTOS, Carla Pereira dos. Educação musical nos contextos não-formais: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. *XVII Congresso da ANPPOM*, São Paulo, 2007.

SANTOS, Regina Marcia Simão. “Melhoria de vida” ou “fazendo a vida vibrar”: o projeto social dentro e fora da escola e o lugar da educação musical. *Revista da ABEM*, v. 10, p. 59-64, março, 2004.

SILVA, Anderson Pereira da; MENDES, Lenora Pinto. Curso de Flauta doce: Espaço Cultural da Grotta. s.e., 2012.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SOCERJ*, p. 383-386, setembro/outubro, 2007.

## 7. Anexos

### Projetos desenvolvidos no Espaço Cultural da Grotta



Depois de vários prêmios e reconhecimentos conquistados ao longo de seus 19 anos de formação, a **Orquestra de Cordas da Grotta** recebeu da municipalidade o título de **Patrimônio Imaterial de Niterói**.

#### MOBILIZANDO TALENTOS

Esse projeto é a porta de entrada das crianças e adolescentes com interesse em música, motivados pela possibilidade de ingresso na Orquestra de Cordas da Grotta. Tomam contato com a música, aprendem a ler partituras e a tocar flauta doce. Desenvolvem-se, assim, no domínio da linguagem musical, o que contribui para o desenvolvimento da sua criatividade, senso estético e pensamento abstrato.



Iniciada em 1995, suas conquistas e viagens pelo Brasil e ao exterior contribuem para alimentar o imaginário dos jovens músicos de vestirem a "camisa preta" da Orquestra de Cordas da Grotta. Eles são estimulados a irem galgando os diversos níveis da Orquestra, de D a A, na medida em que conseguem executar os repertórios de maior dificuldade. Para melhorar seu desempenho musical, escolhem um instrumento (violino, viola ou violoncelo) e têm aulas de aperfeiçoamento. Têm, ainda, à disposição aulas de Teoria Musical.

#### CONJUNTO DE FLAUTAS DA GROTTA

Os alunos com interesse em instrumentos de sopro podem se dedicar às flautas doces – tenor, baixo e soprano –, flauta transversa e clarinete.

#### INICIAÇÃO MUSICAL DE TALENTOS

Alunos tomam contato com a real possibilidade de se tornarem músicos, integrantes da Orquestra de Cordas da Grotta. Já há, então, um comprometimento maior dos alunos com o seu professor, passando a entender a necessidade de dedicar-se ao estudo para além da sala de aula, por isso levam para casa a flauta doce e, posteriormente, o violino.



#### FORMAÇÃO TÉCNICA EM MÚSICA

Os alunos da Orquestra "B" e "A", com pelo menos dois anos de Teoria Musical, bom aproveitamento e interesse em se tornarem professores de música têm a possibilidade de obter um Certificado de Nível Técnico conferido pelo Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, que reconhece a formação básica oferecida pelo ECG e complementa essa formação num período de dois anos. Têm reuniões com psicólogas nas quais são preparados no programa "Educar-se para Educar". E no segundo ano de formação é exigida a Prática de Sala de Aula em um dos Núcleos de Multiplicação. Visando a formalização profissional com independência, recebem orientação para se constituírem Micro Empreendedores Individuais – MEI, recebendo apoio até a emissão das respectivas NFSe – Notas Fiscais de Serviço eletrônicas, através do site da Prefeitura de Niterói.



#### OUTRAS ATIVIDADES

Sala de leitura Graciliano Ramos com 500 títulos (1000 volumes) / Oficinas de contação de histórias / Oficinas de percussão / Oficinas de artes plásticas / Estúdio de Gravação / Pré-Vestibular Comunitário / Espaço para eventos culturais

## Percepção

Coordenadora: Adriana Miana de Faria  
Bolsista: Elías Alves Amador  
Voluntário: Igor Siqueira de Oliveira



O projeto "Percepção", que teve início no segundo semestre de 2013, oferece atividades de treinamento da audição e da emissão musical para jovens músicos oriundos de projetos sociais e para estudantes do sistema de reserva de vagas, cotistas. Atende aos projetos localizados no bairro de São Mateus, em São João de Meriti - RJ; do morro Santa Marta e da Grotta do Surucucu, em São Francisco, Niterói - RJ. Semanalmente, são realizadas oficinas onde são apresentadas metodologias para o ensino da percepção além de estratégias para abordar conteúdos que são trabalhados com aqueles que se interessam e/ou precisam da leitura e escrita musical na sua atividade profissional. Atualmente, participam 10 estudantes de licenciatura do IVL oriundos do sistema de reservas de vagas e ou de projetos sociais. O projeto ainda conta com 18 pessoas externas à universidade, participantes ou instrutores de projetos sociais.

55



● Espaço Cultural da Grota, no seu Programa MULTIPLICANDO TALENTOS, leva a experiência da Orquestra de Cordas da Grota a outras comunidades da cidade e de outros municípios, através de núcleos de replicagem dessa tecnologia social que desenvolve desde 1995.

Esse Programa já recebeu os seguintes prêmios: em 2006, o Cultura Nota 10; em 2011, o Rio Sociocultural, categoria Empreendedor Sociocultural; e em 2013, foi reconhecido e selecionado pela Fundação Banco do Brasil para seu Prêmio de Tecnologia Social.

Levar conhecimento musical aos alunos das escolas públicas, no contraturno escolar, através das aulas de musicalização, da leitura de partituras e do aprendizado dos instrumentos, desenvolve habilidades relacionadas à linguagem musical, como saber ouvir, memorizar e abstrair. E proporciona-lhes acesso a um conhecimento musical da música erudita, o que tradicionalmente lhes é negado pela ausência dessa disciplina na grade curricular, oferecendo-lhes novas oportunidades e novas perspectivas ligadas à música.

## Núcleos de Multiplicação

### Niterói

Badu - Casa de Pedro  
Badu - CIEP  
Badu - CEPAR  
Itiúoca  
Morro do Cavalão  
Morro do Estado  
Preventório  
São Pedro  
Várzea

Maricá

Nova Friburgo

### Itaboraí



O MULTIPLICANDO TALENTOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, para 2013, foi aprovado pelo MinC sob o nº PRONAC 131845, concedendo o benefício fiscal da Lei Rouanet às pessoas físicas e pessoas jurídicas que investirem nesse projeto, deduzindo essa aplicação do Imposto de Renda.

## Histórico

Em 1995, músicos e educadores iniciaram um trabalho voluntário oferecendo a crianças e jovens da Grota do Surucucu, em Niterói, através da formação musical, uma oportunidade de desenvolvimento humano e social. O talento e a dedicação dos jovens levou-os a serem convidados para uma turnê ao Norte de Portugal. Começou a se formar a Orquestra de Cordas da Grota que, com visibilidade na mídia, passou a receber apoios de empresas com responsabilidade social, precisando para isso constituir em 2000, uma organização social sem fins lucrativos: RECICLARTE.

FOTO: MILLA PETRILLO

## Missão

Mobilizar talentos, desenvolver habilidades e ampliar o universo de referências culturais em crianças, adolescentes e jovens das comunidades, para gerar oportunidades que permitam realizações pessoais e o exercício pleno da cidadania.

Hoje, com 120 integrantes, encanta platéias não apenas pela precisão que executam peças de Bach, Haendel e Vivaldi, mas também pela irreverência com que combinam a música clássica com instrumentos modernos de percussão e cordas, em releituras empolgantes de clássicos da MPB. No Brasil, já se apresentaram nos estados do Rio, São Paulo, Minas, Paraná e Distrito Federal. No exterior, em Portugal (Coimbra e outras) e nos EUA (New York).

## Orquestra de Cordas da Grota

Imaginar crianças e jovens de uma comunidade carente, que vivem em situação de risco, ouvindo música clássica pode parecer irreal. Imaginem, então, essas crianças tocando instrumentos clássicos como violinos e violoncelos em uma orquestra. Nossa imaginação pode ir até mais longe... E se essa orquestra de jovens carentes ganhar fama, romper as fronteiras da comunidade e passar a se apresentar em vários estados e países, sempre fazendo muito sucesso? Parece um sonho impossível? Pois é realidade. Estamos falando da Orquestra de Cordas da Grota, composta por jovens da comunidade da Grota do Surucucu, em São Francisco.

#### Como o Sonho Começou

Na década de 80, a professora aposentada Otávia Paes Selles, teve a ideia de criar um espaço na comunidade da Grota, onde os jovens recebessem apoio escolar e desenvolvessem atividades complementares, como jardinagem, horta, corte e costura e desenho. Seu objetivo era tirar as crianças das ruas e da ociosidade.

O filho de D. Otávia, Marcio Paes Selles, formado em música, aderiu ao projeto e iniciou um trabalho de educação musical, oferecendo aulas de flauta doce. Na época, apenas quatro crianças se interessaram pelas aulas. Mas com o passar do tempo, o trabalho musical despertou a atenção dos jovens e a partir do convívio com a música de Bach e Vivaldi, nasceu o desejo de aprender a tocar violino. Começou a surgir a Orquestra de Cordas da Grota.

Após a morte de D. Otávia, em 1998, Marcio Selles e sua esposa Lenora Mendes, assumiram a direção do projeto. As aulas de música e os ensaios ocuparam definitivamente a pequena casa da comunidade e



Lenora Mendes e Marcio Selles



FOTO EDUARDO GASPAR

cada vez mais jovens se atraíam pela novidade.

A Orquestra foi crescendo com as crianças e ganhando visibilidade na mídia. Passou a receber apoio de empresas com responsabilidade social, precisando, para isso, constituir, em 2000, uma organização social sem fins lucrativos: a ReciclarTE.

#### O Sonho Hoje

Hoje o Espaço Cultural da Grota atende a 250 crianças e jovens, não só da comunidade da Grota, mas de outras que a cercam (Badú, Sapê e Rio do Ouro), com idade mínima de sete anos e que estejam matriculados em escolas públicas.

A iniciação musical ainda é feita através de aulas de flauta doce, onde o aluno aprende, também, teoria musical.

Além das aulas de música, o Espaço oferece cursos de pintura, informática, Francês e conta com uma sala de leitura. São cerca de 20 voluntários trabalhando, entre

eles, psicólogos, assistentes sociais, contadores e músicos.

Vários jovens integrantes da Orquestra de Cordas da Grota, que entraram no projeto ainda crianças, hoje são monitores. Como é o caso de José Carlos Vidal, 26 anos, que há 10 anos dá aulas de flauta para iniciantes e toca violoncelo na Orquestra.

Para José Carlos, se não fosse o Espaço Cultural da Grota, ele dificilmente seria um músico profissional.

"Além da profissão, aprendi a me comunicar e me relacionar bem com as pessoas. Hoje procuro passar isso adiante", diz o músico.

Hoje, com 120 integrantes, a Orquestra de Cordas da Grota encanta platéias não apenas pela precisão que executam peças de Bach, Haendel e Vivaldi, mas também pela irreverência com que combinam a música clássica com instrumentos modernos de percussão e cordas, em releituras de clássicos da MPB. No Brasil já se apresentaram no Rio, São



José Carlos Vidal, professor de flauta

Paulo, Minas Gerais, Paraná e Distrito Federal. No exterior, em Portugal e nos EUA.



FOTO PAULO CHAFFIN

Alunos do Espaço Cultural da Grota

2009 outubro

jornal da  
enseada

enseadaonline.com.br

Além da Orquestra de Cordas, outros grupos se formaram no Espaço Cultural, como o grupo vocal Negros e Vozes, com seis integrantes e o Grupo de Flauta da Grota, que tem um repertório de música barroca, renascentista e brasileira.

#### Um Último Sonho

Entre tantos voluntários que o Espaço Cultural da Grota recebeu nesses mais de 20 anos, uma se destacou: a arquiteta Maria de Fátima Brito e Vale. Fainha, como era carinhosamente chamada, projetou a reforma da sede do Centro Cultural. Tudo foi feito cuidadosamente para dar maior conforto às crianças: salas amplas e arejadas, sala de leitura e uma espécie de teatro ao ar livre, onde os alunos pudessem se apresentar. "Ela plantou cada planta do nosso jardim", lembra a coordenadora Lenora Mendes.

A inauguração da sede reformada aconteceu no dia 30 de junho passado, com uma festa onde a arquiteta Maria de Fátima foi homenageada. No dia seguinte, 31 de junho, ela embarcou com seu marido, filho e nora, no voo 447 da Air France, rumo a Paris. Vêo que nunca chegou ao seu destino. Para todos ficou a sensação



Maria de Fátima Brito e Vale na inauguração da sede reformada

de que ela cumpriu sua missão e partiu feliz.

#### O Sonho Continua

Um dos projetos de Marcio Selles para um futuro próximo é a construção de um estúdio de gravação. "Nossa missão é mobilizar talentos, desenvolver habilidades e ampliar o universo de referências culturais em crianças e jovens das comunidades", diz Márcio. Com a construção do estúdio, além das gravações para a Orquestra e para os grupos do Espaço Cultural, será possível gerar novas oportunidades, oferecendo cursos técnicos para adolescentes. "Nossa ideia é ensinar música e profissionalizar esses jovens, permitindo realizações pessoais e o exercício pleno da cidadania", completa.

Qualquer pessoa pode apoiar os projetos do Espaço Cultural da Grota associando-se a esse trabalho social, contribuindo com a anuidade de R\$30,00. Para maiores informações, acesse o site [www.espaco-culturaldagrota.org.br](http://www.espaco-culturaldagrota.org.br) ou faça uma visita na Rua Vereador Othon Bastos, 23 - Grota do Surucucu - Cachoeira - São Francisco - Tel. 2610-9972

Por Marcia Attianezi



FOTO EDUARDO GASPAR



Sede do Espaço Cultural da Grota reformada

FOTO PAULO CHAFFIN

## Jonas Caldas: Profissão Luthier



FOTOS YASMIN OYRISTE

Jonas Caldas em sua oficina no Largo da Batalha

A comunidade da Grota, antes tomada pela violência comum às comunidades carentes, passou a ser invadida pela música clássica. Jonas iniciou uma bela parceria com a Orquestra da Grota (projeto social que destacamos nessa edição) consertando os instrumentos.

"O bairro era dividido em começo, meio e fim, e as crianças do começo não se davam com as do meio e assim por diante. Logo, a

música unificou tudo e as brigas acabaram", conta o luthier.

Jonas casou-se e teve seis filhos (quatro biológicos e dois adotivos), todos envolvidos com a música. Os mais velhos, os gêmeos Walter e Wagner Caldas são violinistas profissionais e fizeram parte da Orquestra de Cordas durante muitos anos. Em 2007 foram descobertos por duas radialistas americanas em uma apresentação e foram convidados para tocar em um evento nos EUA. O reitor da Universidade de Iowa assistiu a apresentação e se encantou com os gêmeos, oferecendo-lhes uma bolsa de estudos.

Hoje os gêmeos Caldas moram nos Estados Unidos onde estudam e realizam shows em cidades como Nova York e Los Angeles. Já o pai, mudou sua oficina para o Largo da Batalha, Pendotiba, e recebe encomendas de todo o Brasil e do mundo. Além da Alemanha, Portugal também conhece o trabalho de Jonas, que construiu dez violas-de-gamba (instrumento barroco) para orquestras lusitanas.

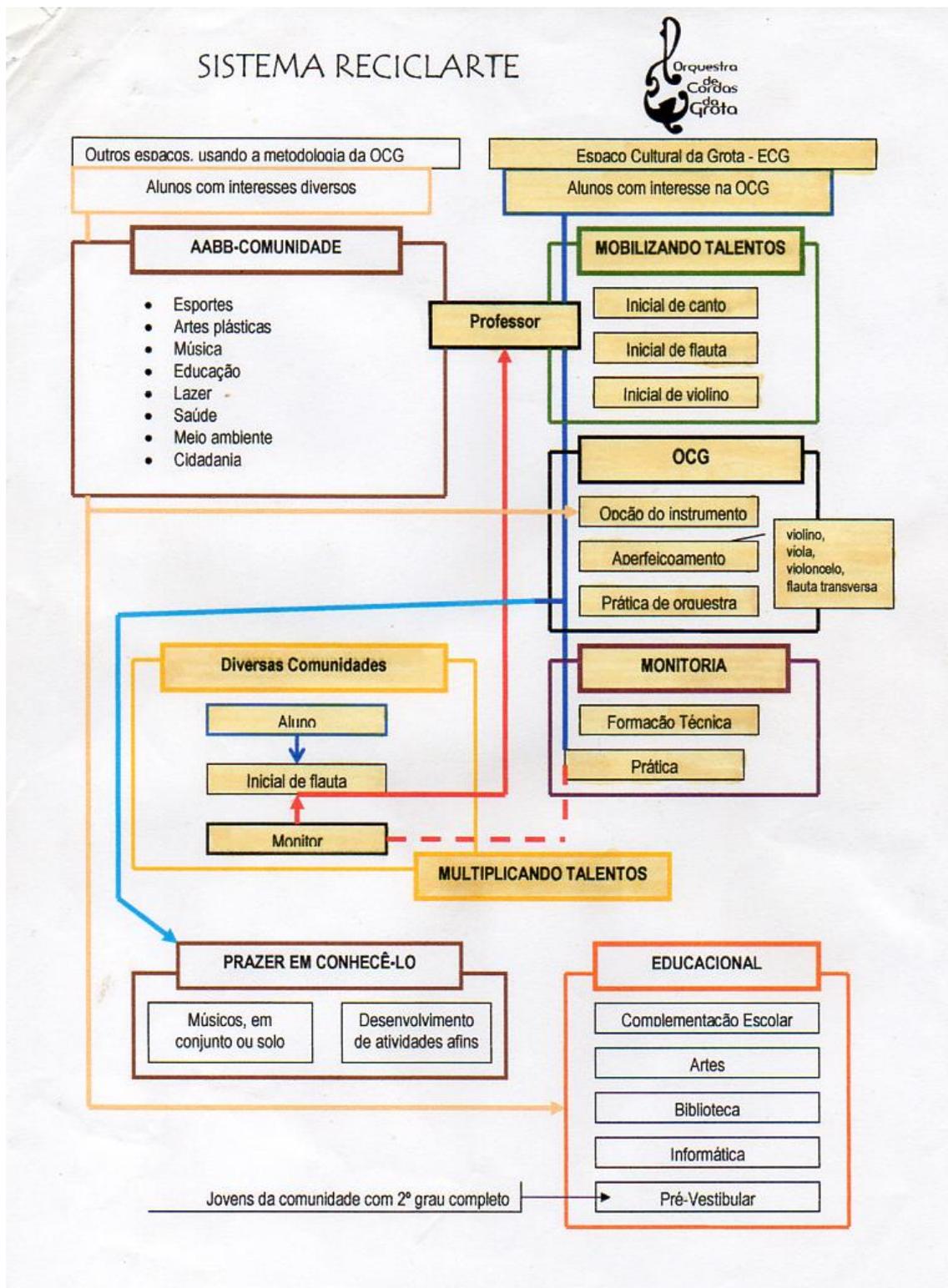
Especialista em viola, violoncelo, violino e baixo-acústico, Jonas Caldas conta que pode levar até seis meses construindo um único instrumento. A madeira e as ferramentas utilizadas são importadas, o que encarece muito os instrumentos.

Jonas sonha em poder passar adiante tudo o que aprendeu na vida para os jovens da comunidade da Grota, mas com uma matéria-prima tão cara e sem patrocínio, os cursos ficam inviáveis.

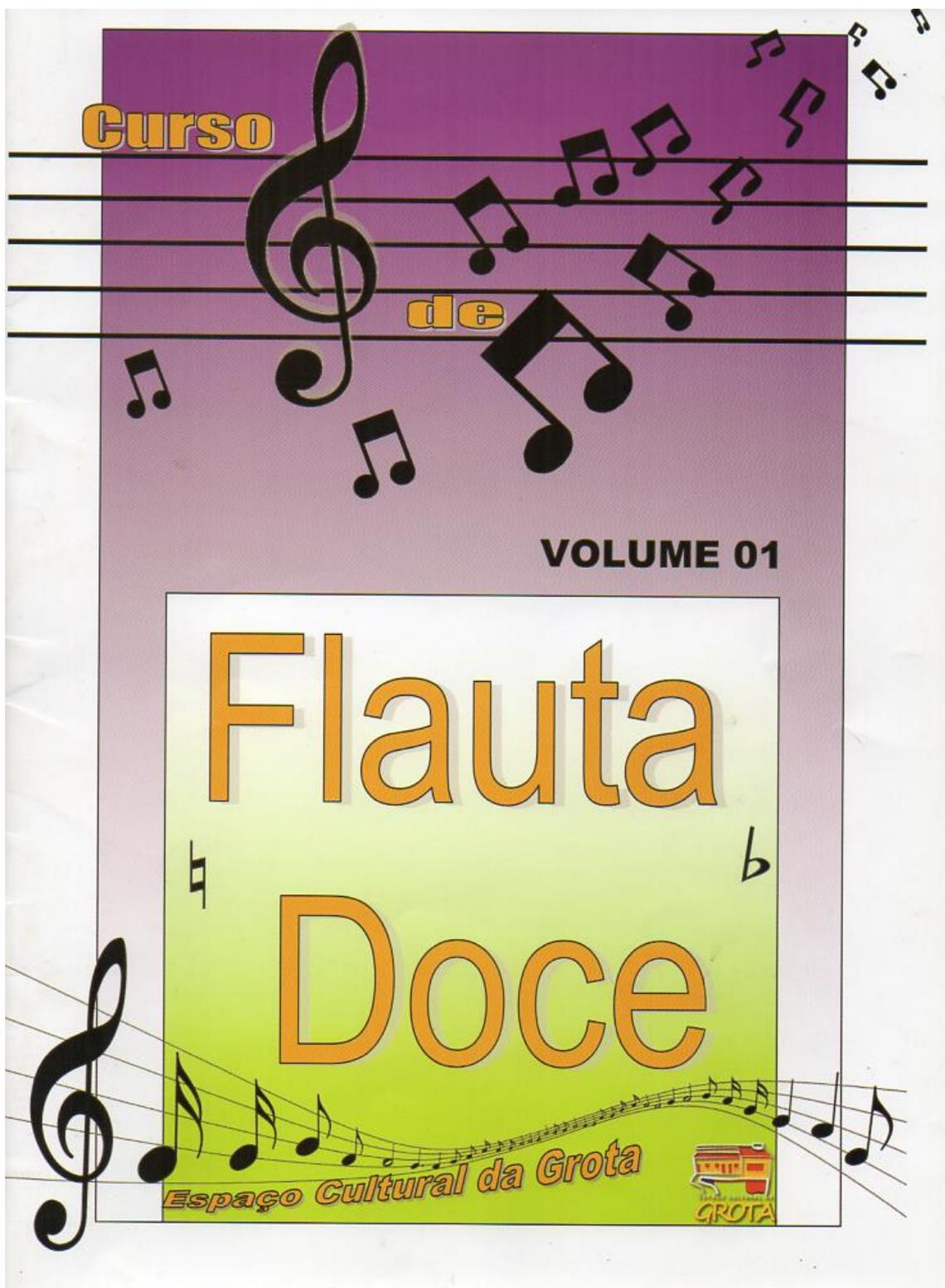
"Fui um garoto de muita sorte. Só é possível descobrir um dom dando oportunidade", nos ensina o "mestre" Jonas.

Oficina: Rua Padre Pedro Martinoti, 10 - Largo da Batalha - Pendotiba  
Tel. 3603-0430

Por Marcia Attianezi



Anexo 07



Anexo 08



**Orquestra de Cordas da Grotta**

**Integrantes da Orquestra A:**

**Violinos:**  
Leandro Justino  
Luis Ricardo Vidal  
Tiago Cosmo da Silva  
Wagner Caldas  
Walter Caldas

**Violas:**  
Felipe Caldas  
Fred Licurgo

**Violoncelos:**  
José Carlos Vidal  
Fábio Almeida

**Flautas Transversas:**  
Igor Siqueira  
Rafael dos Prazeres Amaro

**Integrantes das Orquestras A, B e C**

**Violinos:**  
Alexandra Seabra Melo Oliveira  
Bruno da Silva Pinheiro  
Carlos Domingos Blauser  
Daniele de Barros Bandeira da Silva  
Douglas Miranda Pereira  
Eliza Pimental de Abreu  
Emily de Souza Coutinho  
Gabriela Regina Fernandes dos Santos  
Jefferson Rodrigues de Almeida  
Joyce Gonçalves Barcellos  
Leandro Justino  
Luanna Barbosa  
Luis Fernando da Conceição  
Luis Ricardo Justino Vidal  
Marcos José Vieira Das  
Mariana Gomes Ferreira  
Marivani da Costa Cordeiro  
Mayara Feltosa Ferreira  
Michelo da Silva Pinheiro  
Monique Seabra Melo Oliveira  
Nathan Feltosa Ferreira

**Priscila de Fátima Almeida**  
Rebeca Oliveira dos Santos  
Roman Lima do Nascimento  
Sabrina Elias dos Santos  
Simone de Carvalho Silva  
Soraya Vieira da Silva  
Thais de Menezes Araújo  
Tiago Cosmo da Silva  
Valdeir Diniz  
Wagner de Oliveira Caldas  
Walter de Oliveira Caldas

**Violas:**  
Anderson Pereira da Silva  
Felipe de Oliveira Caldas  
Fred Licurgo  
Manuel Ferreira de Souza Jr

**Violoncelos:**  
Carlos Alberto Azevedo Silva  
Fábio Almeida  
José Carlos Justino Vidal  
Marco Martins  
Wagner Mendonça Gadelha  
Lucilene Morandi

**Flautas transversas:**  
Camille de Lima Silva Batista  
Igor Siqueira  
Rafael dos Prazeres Amaro

**Flautas docas:**  
Alexandra Magalhães Gonçalves  
Alexandro Salles  
Diego Miranda Pereira  
Emily de Souza Coutinho  
Evênia Thayana Salles  
Gustavo Mendes Ximenes  
Guilherme Mendes Salles  
Juliana Xavier  
Nick de Souza Coutinho

**Direção musical:**  
Márcio Paes Selles, Fred Licurgo e Fábio Almeida

Anexo 09

As faixas de 1 a 7 foram gravadas pela Orquestra A no Drum Studio nos dias 26 de novembro e 1º de dezembro de 2005. As faixas 8, 9, 10 e 11, foram gravadas no Cine Arte UFF no dia 11 de dezembro de 2005 pelas Orquestras A e B e C.

**Ficha Técnica:**

Drum STUDIO: Rua das Laranjeiras, 106 Laranjeiras - Rio de Janeiro, RJ  
Cine Arte UFF: Rua Miguel de Farias, 9 Icaraí - Niterói, RJ

Gravação, mixagem e masterização:  
Alexandre Hang e Brian Higgin

Diagramação:  
Enita Souto Jorge

Fotos e projeto gráfico:  
Humberto Medeiros

Agradecimentos:  
Anne Durston, Antonio Paulo Ruzzi Pedrosa, Associação Educacional de Niterói, Beatriz Azenedo, Christopher Wirtz, CPMA-Juiz de Fora, RJ, Clomar Sibel, Jonas Caldas, Luiz Fernando da Costa Mattos, Mauro Libano da Fonseca, Michael Von Sturm, Sérgio Porto, Sérgio Wernick, Leda Cruz, Sigum Pleisner, Sindicato dos Músicos - RJ, Tarcísio Bukacki

Mantém este projeto:



Apoios:



**Orquestra de Cordas da Grotta**

**Kanon** Johann Pachelbel (1653-1706)

**Sinfonia nº 27** Joseph Haydn (1732-1809)  
allegro molto  
andante

**Concerto para orquestra em Ré Maior** Antonio Vivaldi (1678-1741)  
adagio - allegro

**Ária** Johann Sebastian Bach (1685-1750)

**Concerto para orquestra em Dó Maior** Antonio Vivaldi (1678-1741)  
allegro

**Konzert suite** George Philipp Telemann (1681-1767)  
Anos 1 e 2

**Tico-tico no fubá** Zequinha de Abreu (1880-1938)

**Tristeza do Jeca** Angelino de Oliveira (1888-1964)  
arr. José Carlos Justino Vidal

**Marcha em Ré Maior** George Friedrich Händel (1685-1759)

**Asa Branca** Luiz Gonzaga (1912-1989)

**Faixa bonus Kanon** Johann Pachelbel (1653-1706)  
arr. Orquestra de Cordas da Grotta

Produzido por CD+, marca registrada da Nordeste Digital Line S/A - CNPJ: 01.247.965/0001-46 - Indústria Brasileira - Representada por CD-PRESS Prod. e Repres. Fonogr. Ltda. - Tel. 21-2544-6029 - Sob encomenda de CNPJ: 05.241.499/0001-31

patrocínio: 

realização: 

Anexo 10